

CONTEXTUALIZAÇÕES ESTÉTICAS E HISTÓRICAS EM *MULHERES DE CINZAS* DE MIA COUTO

Cleonice Alves Lopes Flois – cleonice.flois@gmail.com

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Unioeste, Cascavel, Paraná, Brasil; <http://orcid.org/0000-0003-0886-915X>

RESUMO: Neste estudo apresento um recorte do romance *Mulheres de Cinzas*, do escritor moçambicano Mia Couto apresentando seu modo de narrar capaz de construir personagens com identidades em deslocamentos constantes. Isso traz à tona reflexões quanto à emergência de hibridismos em momentos de transformação histórica como o que ocorre na narrativa. Os aspectos identitários das personagens levam a refletir acerca do processo de construção do indivíduo, em que a relação que ele estabelece com a sociedade e com sua identidade, mesmo que na busca pela definição dela, é mediada pela cultura. Ao colocar cada sujeito num local em que já está inserido seja pelo vínculo de nascimento ou de identificação os coloca também entre dois mundos sem saber qual é o seu lugar nem quais são suas identidades nessa fronteira. Pelo fato dos deslocamentos irem além do geográfico, o conceito de subjetividade desterritorializada está presente na obra como deslocamento do eu, do indivíduo que emigra para outro país e precisa assumir o modo de vida daquele povo. Isso, porém, acontece até certo ponto, pois esse indivíduo não aceita essa unicidade que a cultura do outro lhe impõe e busca se compor enquanto ser singular num movimento de desterritorialização e reterritorialização.

PALAVRAS-CHAVE: Identidades; Cultura; Modo de narrar.

1 INTRODUÇÃO

A obra *Mulheres de Cinzas* foi lida no contexto das produções pós-coloniais porque entendo que esse conceito, embora sem a elaboração de um consenso, é usado por alguns teóricos como sendo o que contempla a cultura que sofre a influência do processo imperial desde o início da colonização (ASHCROFT *et al.*, 1991). Também pode ser considerada pós-colonial por englobar correntes teóricas heterogêneas que compreendem a produção literária das nações emergentes e por se constituir e apresentar características híbridas por causa da confluência das formas e propostas oriundas das relações que se estabelecem entre os aspectos da cultura eurocêntrica e as culturas dos povos colonizados, sendo que estes aspectos compõem a literatura moçambicana, precisamente, o romance *Mulheres de Cinzas*.

O debate sobre as narrativas pós-coloniais requer que se discuta acerca do termo identidade. Não obstante, considero importante discutir também acerca da subjetividade, mais especificamente da subjetividade desterritorializada, para trazer luz às tramas múltiplas e variadas que compõem a narrativa *Mulheres de Cinzas*. Percebo com grande interesse que as discussões em torno das demandas identitárias não cessam mesmo sendo muito estudadas, se ampliando e alargando para vários campos dos saberes, fazendo ligações entre esses campos e as descobertas ocorridas nos mesmos. Várias ciências estão nessa jornada de modo que, por mais que eu busque referências na Psicologia, na Antropologia, volto sempre

para a Sociologia, para a imprescindível Filosofia e então me situo na Literatura, fazendo análises, trânsitos, deslocamentos e, com isso, trocas importantíssimas para o desenvolvimento desta temática.

A discussão acerca de por que somos o que somos ou como viemos a nos tornar quem somos faz com que os olhares se voltem para a diferença e assim, como consequência, para a identidade, para a subjetividade, para o eu e para o outro. A alteridade, o estranhamento, a outridade e outros tantos deslocamentos, move esses olhares para afirmações que dão conta da distância que o indivíduo está do outro, buscando distâncias seguras devido à imprevisibilidade do outro e acreditando ou, pelo menos, repetindo aos quatro ventos que alguns são mais humanos do que outros como Ewald & Soares apontam.

Talvez, nesse início de novo século e milênio, não tenhamos conseguido prever que, num mundo como o que estamos vivendo, interligado por conexões virtuais comunicativas em velocidade surpreendente e onde o tempo de trabalho diário parece ter abandonado a lógica do amanhecer e do entardecer, que as diferenças entre nós seriam também tão fartamente acentuadas. O processo de homogeneização cultural que tem ocorrido como desdobramento da globalização, parece ter, ao mesmo tempo, acentuado ainda mais certas diferenças, desigualdades, misérias e injustiças de todo gênero. (EWALD; SOARES, 2007, p. 24)

Compreendo que a reflexão acerca desse processo de construção do indivíduo, em que a relação que ele estabelece com a sociedade e com sua identidade, mesmo que na busca pela definição dela, é mediada pela cultura. O debate desses temas coloca cada sujeito num local em que já está inserido seja pelo vínculo de nascimento, seja pelo vínculo de pertencimento ou identificação. Contribuições de pesquisadores das Ciências Humanas e Sociais trazem mais diversidade a essas questões, de modo a subsidiar entendimentos sobre os temas.

2 A CONSTITUIÇÃO DOS INDIVÍDUOS PELA IDENTIDADE

O que caracteriza o indivíduo e o torna uma pessoa é a sua identidade, a qual, segundo Guattari e Rolnik (1996), está ligada a algum tipo de reconhecimento individual ou coletivo de elementos que identificam esse indivíduo. Os conceitos de identidade e singularidade, para Guattari, são completamente diferentes: a identidade é um conceito permeado pela referencialização enquanto que a singularidade é um conceito permeado pelo existencial. A identidade é aquilo que faz com que a singularidade passe de maneiras diferentes que não seja somente existir por um único e mesmo quadro de referência que pode ser identificado. É a singularidade que distingue e particulariza os indivíduos. A subjetividade, por sua vez, individualiza e especifica os indivíduos, já que não se pode excluir o corpo da subjetividade nem retirar a subjetividade que tem relação com a intimidade do indivíduo, pois tudo o que se insere neste indivíduo traz para ele vivências. Ela diz respeito, conforme Guattari e Rolnik (1996), menos à identidade

e mais à singularidade, de modo a possibilitar que o indivíduo viva sua existência de forma única, no entrecruzamento de diversos vetores de subjetivação.

A palavra subjetividade é formada a partir do termo 'subjetivo' para designar aquilo que pertence à consciência individual, bem como ao que pertence ao pensamento humano. Boaventura de Souza Santos (1994), diz que a preocupação "com a identidade, não é, obviamente, nova. Podemos até dizer que a modernidade nasce dela e com ela. O primeiro nome moderno da identidade é a subjetividade" (SANTOS, 1994, p. 32). A subjetividade é algo que constitui, que fundamenta, que viabiliza as identidades. É o fundamento da identidade social e individual, e que se liga a alteridade. As representações dessa alteridade, conforme Marc Augé (1994), se situam no próprio cerne da individualidade que se liga à identidade coletiva e à identidade individual. Para o autor, "toda representação do indivíduo é, necessariamente, uma representação do vínculo social que lhe é consubstancial [...]: o social começa no indivíduo" (AUGÉ, 1994, p. 24).

Sartre (1997) afirmava, na década de 40, que nossa subjetividade é atravessada pela alteridade e que esse movimento flutuante em direção ao outro nos forma enquanto sujeitos, assim como forma nossas identidades. Também Homi Bhabha (2005) faz afirmações nesse sentido, salientando que o processo de levar um na direção do outro, de formar elos afetivos, cria laços de união entre os indivíduos e a comunidade que escolhe como seu lugar de pertencimento é aquela com a qual se identifica. Tudo, então, passa a girar ao redor desse ponto de referência, que é essa comunidade, esse novo grupo, inclusive sua forma de ver o mundo e se posicionar diante dele, ou seja, o indivíduo passa a ter sua visão definida por esse grupo no qual passa a pertencer e com o qual começa a se identificar. Santos (1994) corrobora esse pensamento acerca das identificações do sujeito e como isso constitui as identidades.

Sabemos hoje que as identidades culturais não são rígidas nem, muito menos, imutáveis. São resultados sempre transitórios e fugazes de processos de identificação. Mesmo as identidades aparentemente mais sólidas, como a de mulher, homem, país africano, país latino-americano ou país europeu, escondem negociações de sentido, jogos de polissemia, choques de temporalidades em constante processo de transformação, responsáveis em última instância pela sucessão de configurações hermenêuticas que de época para época dão corpo e vida a tais identidades. Identidades são, pois, identificações em curso. (SANTOS, 1994, p. 31)

Ao passo que uma ideia vai se disseminando e contagiando os demais membros desse grupo, torna-se difícil pensar de outro modo, pensar diferente do que a comunidade em que o indivíduo está inserido pensa; exige muito esforço tentar pensar de forma contrária ao modo como pensam os membros do grupo de pertencimento de cada indivíduo. É como nadar contra a correnteza e pensar que tudo é igual numa ideia globalizante, como se o ser humano tivesse perdido "a noção de diferenças que caracterizam os fenômenos do mundo físico e do mundo moral" (BAUDELAIRE, 1995, p. 775). E para

falar de identidades, de subjetividades, há a necessidade de falar sobre diferenças, pois ambas se interrelacionam, se entrecruzam e a existência de uma está atrelada à existência da outra.

A constituição dos sujeitos ocorre por meio da experiência histórica dos mesmos, isto é, de um emaranhado de discursos e práticas culturais que torna esse sujeito num ser particular nas suas experiências e num ser universal por essas experiências serem tão semelhantes às de outros sujeitos, mas cada um com sua individualidade e subjetividade. Para que isso aconteça, há uma pluralidade de vozes, – ideias, pensamentos –, ainda que dissonantes, constituindo esses indivíduos. Essas vozes, essas maneiras de se manifestar, são portadoras de discursos e de subjetividades, haja vista que as experiências dos sujeitos advindas das suas vivências nos grupos trazem particularidades individuais e coletivas mesmo que tenham ainda muito da visão da comunidade com a qual têm ou tiveram algum tipo de identificação presentes neles.

Segundo Boaventura Souza Santos (2002), há regras de reconhecimento que precisam ser recíprocas entre identidades e culturas distintas e isso, conseqüentemente, levará a outras identidades híbridas, mas todas precisam se orientar pela pauta de que "temos o direito de ser iguais quando a diferença nos inferioriza e a ser diferentes quando a igualdade nos descaracteriza" (2002, p. 75). Este pensamento do professor da Universidade de Coimbra aponta para um modo de ser e estar no mundo num tempo em que ser global passa a ser uma exigência social porque é uma exigência do mercado. Cabe ao indivíduo aceitar essa exigência, nadar contra a correnteza e encontrar um meio termo para sua identificação.

Há em curso, um processo dialético inequívoco da identidade pessoal em que o modo como um sujeito é tratado na cultura em que está inserido determina o trajeto do desenvolvimento da personalidade desse indivíduo, de maneira a definir a "a amplitude de seu comportamento, assim como o conjunto de experiências que configuram sua visão do mundo" (BOOTH, 1976, p. 71). Este pensamento determina que o indivíduo torna-se um ser humano não por nascer com características físicas que o caracterizam como tal, mas pela ampla dimensão que uma cultura lhe proporciona, ou seja, pelo pertencimento e identificação com um grupo e tudo o que ele pode lhe facultar. Nesse processo, os indivíduos tornam-se diferentes no seu modo de ser, tendo uma identidade cultural com seu grupo e se relacionando com culturas distintas que, na identificação ou na diferença, precisam habitar juntas o mesmo universo. O antropólogo Clifford Geertz (1989), teoriza sobre essa ligação que a cultura tem com os indivíduos e por meio da qual o indivíduo, em todas as suas singularidades, é formado, se identifica e é identificado.

A cultura fornece o vínculo entre o que os homens são intrinsecamente capazes de se tornar e o que eles realmente se tornam, um por um. Tornar-se humano é tornar-se individual, e nós nos tornamos individuais sob a direção dos padrões culturais, sistemas de significados criados historicamente em termos dos quais damos forma, ordem, objetivo e direção às nossas vidas. [...] O homem não pode ser definido nem apenas por

suas habilidades inatas, como fazia o iluminismo, nem apenas por seu comportamento real, como o faz grande parte da ciência social contemporânea, mas sim pelo elo entre eles, pela forma em que o primeiro é transformado no segundo [...]. Assim como a cultura nos modelou como espécie única - e sem dúvida ainda está modelando - assim também ela nos modela como indivíduos separados. É isso o que temos realmente em comum - nem um ser subcultural imutável, nem um consenso de cruzamento cultural estabelecido. (GEERTZ, 1989, p. 64)

Quando a cultura é uma construção capaz de permitir o desenvolvimento do indivíduo ocorre essa identificação que propicia progressos, avanços, evoluções. Entretanto, Booth (1976) lembra que para que se fale acerca de desenvolvimento há que se falar também em contexto de desenvolvimento, ou seja, que a vida dos seres humanos vai acontecendo em determinado limiar, relacionado de forma direta a um tempo histórico, social, vital e significativo, e que cabe a cada indivíduo ser ele mesmo. Porém, há outros modelos conhecidos historicamente, em que a cultura não faz essa construção tão assertiva, pelo contrário, ocorrem fenômenos coercitivos em que alguns povos tecem olhares enviesados para as outras culturas que se diferem e não se submetem a sua.

Pelo viés dos estudos identitários é possível perceber que o indivíduo está inserido numa realidade que o torna, muitas vezes, objeto de uma cultura que durante muito tempo lhe foi introjetada pelo europeu numa tentativa de anular seu sistema de identificação moldando-o com uma identidade nova. Sobre essa conceituação de identidade nova e/ou velhas identidades, Hall (2001) diz que as velhas identidades que deram estabilidade ao mundo social, ao longo de muito tempo, estão declinando, fazendo com isso, surgirem novas identidades, tornando o indivíduo moderno em um sujeito fragmentado. Esse evento tem como consequência a crise da identidade vista como "parte de um processo amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social" (HALL, 2001, p. 7).

A questão cultural com as ideias de homogeneização advindas da relação entre os termos local e global levam Hall (2001) a se posicionar contrário a essa tendência de padronizar. Para ele, não é possível pensar na identidade, em tempos de globalização, como algo estanque ou que possa acabar em algum lugar predefinido, quer seja o retorno às suas raízes ou o desaparecimento por meio da assimilação e da homogeneização. Há um fortalecimento de identidades locais percebido pelas reações ofensivas que membros dos grupos étnicos dominantes têm feito aos demais grupos minoritários. Gupta e Ferguson (2000), que refletem acerca do que caracteriza o lugar contemporâneo nas questões identitárias, dizem que não se pode pensar o lugar como sendo autônomo, tampouco uma cultura como sendo específica de determinado lugar, uma vez que, na contemporaneidade, o hibridismo é uma possibilidade a ser considerada, pois este pode se tornar constituinte das relações que se ampliam.

O hibridismo visto como alteração identitária ou mesmo como mescla de identidades ocorre como consequência de transformações que acontecem globalmente. As funções e papéis que acontecem no nível local podem fornecer novas identidades a esses lugares, e essas podem se sobrepor a outras identidades devido ao dinamismo destes lugares, o qual retrata o dinamismo do próprio mundo contemporâneo. Além dessa sobreposição, pode ocorrer de algumas identidades perderem seus significados, porém isso não ocasiona a perda da identidade dos lugares, por trazerem consigo a história de identidades adaptáveis, que se deslocam, que se desterritorializam e se reterritorializam num fortalecimento e enfraquecimento contínuo. Milton Santos (2002a, p. 328) registra que a identidade se forma constantemente por fatos que ocorrem no presente, de modo que "o passado é um outro lugar ou, ainda melhor, num outro lugar". E sua existência se dá distante dos lugares do presente. Para o autor, há muitas relações que precisam ser apreendidas em situação de vizinhança, pois dizer que são apenas as relações econômicas não abarca a totalidade, uma vez que "é assim que a proximidade [...] pode criar a solidariedade, laços culturais e desse modo a identidade" (SANTOS, M., 2002a, p. 318). Essa identidade, descrita por ele, passa a existir devido à convivência dos indivíduos no mesmo espaço e manifesta-se por meio do afeto. Esses lugares têm grande importância para seus habitantes, carregam em si forte simbologia e são vistos como mediadores na construção de identidades, uma vez que a identidade que existe entre os sujeitos e seus grupos ou comunidades é a mesma que esses sujeitos firmam com os lugares.

James Clifford (2000, p. 68) faz uma definição de lugar com base em imagens feitas de "histórias cercadas, com um 'dentro' comunitário crucial, e um 'fora' viajante controlado" em que salienta que o importante para a compreensão do lugar e da cultura, da mesma forma que para a "construção da identidade dos lugares e dos indivíduos, não é a sua origem, o de onde você é, mas sim as suas experiências, o onde você está" (CLIFFORD, 2000, p. 69). Ao olhar para os lugares como peculiaridades que se dissolvem e se alteram faz-se necessário vê-los também, conforme Hissa e Guerra (2002), a partir das mobilidades que se dão no seu interior sob a apreciação da alteridade.

Se a identidade pressupõe as relações de aproximação, a desigualdade e a dessemelhança marcam o seu princípio oposto. Portanto, se há um princípio de identidade, a alteridade é o seu contrário. Se o primeiro é construído pela aproximação e pela natureza equivalente dos seres, desenvolve-se um grupo, por oposto, com base na repulsão ou na contraposição. Isso significa que nas relações de contraste e de diferença podem ser estimulados a exclusão e o 'sentimento estrangeiro'. Nesses termos, a alteridade se contrapõe à identidade, ao evidenciar a condição de 'outridade', de estranhamento. (HISSA; GUERRA, 2002, p. 68).

Ao entender as identidades como identificações que estão em processo de se transformar é importante observar o curso que as identidades assumem tendo em vista os processos de transformação vivenciados pelos lugares colocados em movimento pelas dinâmicas contemporâneas. Isso pode levar os

sujeitos a manifestações mais entusiasmadas de sentimentos de pertença e de identificação com "formas de territorialidades exclusivas e conflitivas", conforme Hissa; Guerra (2002, p. 68). Desse modo, refletir sobre o lugar a partir das identidades é da mesma forma pensar sobre a alteridade nos lugares.

Seguindo o raciocínio de Deleuze e Guattari (1995a), a sociedade territorializa os indivíduos oferecendo a eles lugares, espaços, territórios nos quais possam viver e se relacionar e que lhes permita reconhecer-se, construir-se como sujeito, ter uma percepção do 'eu' devido ao cenário condizente com a forma individual de cada um ver. Essa percepção do indivíduo é mascarada, produzida socialmente como se o mundo fosse um teatro em que o palco é oferecido pela sociedade, bem como os demais componentes da grande arte – iluminação, cenografia, papéis individuais – mas mantendo a direção sob o domínio social. Deleuze e Guattari chamam a esse ato de fazer a distribuição dos papéis de subjetivação ou produção da subjetividade.

Na obra *Mulheres de Cinzas*, há um desconforto grande nas personagens por não saberem mais o que são nem quem são diante das mudanças que ocorrem todo o tempo. Esse sentimento pode ser compreendido a partir do que Hall (2001) considera como uma crise identitária entre a nova e a velha identidade, uma vez que a velha identidade entra em colapso e uma outra identidade passa a existir. O autor diz que esse evento torna o indivíduo moderno num sujeito fragmentado, mas outros teóricos analisam de maneira distinta. Acerca disso, faço algumas inquições que tento responder à luz das teorias de Deleuze e Guattari que, ao se unirem a outros pesquisadores das Ciências Humanas e Sociais, trazem clareza para a compreensão dessas problemáticas. Até que ponto é ruim que essas identidades se fragmentem? Por que a identidade subjetiva que gera fragmentação do sujeito precisa ser vista apenas sob um enfoque negativo?

Pelo viés da subjetividade Deleuze e Guattari (1995b) entendem essa fragmentação do sujeito, de um indivíduo que deixa de ter uma identidade fixa e unificada, uma subjetividade centrada e universal, como incompleta pela negação da complexidade da mudança da vida e da existência. Será que somos sempre os mesmos todos os dias ou a cada dia somos outro no singular e no coletivo? Para Guattari (1992, p. 16), ver a subjetividade apenas por partes separadas, por unidades e dualidades é decadente, pois não é simples para o indivíduo saber o que ou quem é.

Estes questionamentos que faço objetivam reflexões sobre essas duas visões da identidade, acerca do conceito de sujeito fragmentado — uma das características do sujeito moderno — e como essa característica pode ser visualizada nas abordagens teóricas de Hall (2001), conforme cito neste texto, bem como nos estudos de Deleuze e Guattari (1995a). A intenção desses questionamentos é perceber e levar o leitor da obra *Mulheres de Cinzas* a ter instrumental teórico para perceber a desterritorialização e sua inferência com a concepção de subjetividade desterritorializada nas personagens da narrativa analisada, no mesmo nível que terá com a concepção de identidade, temática abordada no estudo. Este conceito

faz oposição à ideia de subjetividade como abordada por Hall (2001), de maneira que trata de um outro modo de ser que vai além de uma definição de identidade elevando-se para um tipo de constituição de singularidades e subjetividades.

Para tratar da subjetividade desterritorializada tal como abordam Deleuze e Guattari (1995a), considero necessário tornar claro o conceito de território. Há uma noção de território que precisa de amplitude para ser entendida, de modo a ultrapassar o uso que a etologia e a etnologia fazem dele, pois existe uma organização dos seres vivos nestes territórios que são responsáveis por fazer uma delimitação desses seres, articulando-os aos demais seres que existem. Assim como os animais que marcam e demarcam seus territórios de várias formas, para o homem também existe um território, que não é específico como o do animal, mas que tem também suas particularidades.

O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio da qual um sujeito se sente 'em casa'. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto de projetos e representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos. (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 323)

Ao viver nesse espaço, ambos, animal e homem, o tornam seu domínio, mas quando saem dele se aventurando por outros lugares, desterritorializam-se. O conceito de território requer um movimento de saída, sem o qual não existe e o homem, ao sair do território, sofre a desterritorialização. Para que a ideia de território tenha uma abrangência efetiva ao haver o deslocamento para outro espaço ocorre então, a reterritorialização.

Na obra *Mulheres de Cinzas*, percebo este movimento de desterritorialização seguido por movimento de reterritorialização quando as personagens precisam sair daquele espaço em que se encontram, com o qual muitas vezes estão acostumadas, para ir para outro espaço, diferente e desconhecido. Isso se dá na saída de sua terra natal ou mesmo na saída de um local em que se sentem protegidas para irem a um outro lugar entrando em contato com pessoas de culturas diversas.

A desterritorialidade e reterritorialidade na abordagem de Deleuze e Guattari caminham juntas, pois a desterritorialidade é um movimento de abandono de um território e a reterritorialidade é o movimento que se faz para construir um novo espaço. A territorialização e a desterritorialização são processos complementares e, por isso, o conceito de subjetividade desterritorializada tem uma atuação por meio do movimento, pelo deslocar-se, haja vista que ela, por ser constituída no movimento de territorialidade, desterritorialidade e reterritorialidade torna-se criadora. Essa concepção de subjetividade representa peculiaridades nesses movimentos de territorialidades e desterritorialidades que não a submetem a idealizações. Ela é um trabalho esmerado de compor, de criar, inventando outros modos de vida a começar por seus processos de singularidade, que não se compõem por algo fixo, uma vez que

suas relações têm fluxo e num mundo desterritorializado que anseia por relações, esse fator configura um porvir que não aceita um eu individual uno.

O conceito de subjetividade desterritorializada se aplica em *Mulheres de Cinzas* por ocorrer nela esse deslocamento que vai além do geográfico, é também um deslocamento do eu, um deslocamento daquele indivíduo que emigra para outro país e precisa assumir o modo de vida daquele povo. Isso, porém, acontece até certo ponto, pois esse mesmo indivíduo não aceita essa unicidade que a cultura do outro lhe impõe e vai em busca de se compor enquanto ser singular num movimento de criação que se dá pela descrição espacial da desterritorialidade e da reterritorialidade.

O processo de desterritorializar "implica necessariamente um conjunto de artifícios pelos quais um elemento, ele mesmo desterritorializado, serve de territorialidade nova ao outro que também perdeu a sua" (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 40-41). Dessa forma, o que se tem é um sistema de reterritorialização repleto de movimentos complexos e profundidades que permite e realiza importantes conexões com as materialidades. Isso ilustra o fato de a subjetividade se originar do coletivo, nunca apenas do eu, de uma única face, mas uma mescla, de maneira que a subjetividade possa dialogar com o outro.

Deleuze expressa que no mundo moderno não há espaço para pensamentos de representação, de perda da identidade e descobertas das forças que agem sob a representação, pois nessa modernidade "o homem não sobrevive a Deus, nem a identidade do sujeito sobrevive à identidade da substância" (DELEUZE, 2006, p. 15 apud BRITO, 2012, p. 03). O mundo moderno é visto como palco de crise, de reviravoltas, pois novas questões são caracterizadas, novos problemas são formulados.

Assim como a noção de sujeito centrado, estabilizado, na modernidade, foi aos poucos sendo denunciada, pois a identidade do sujeito não sobrevive quando é centrada em si mesma de acordo com princípios cartesianos, também pelos princípios baumanianos qualquer busca por uma identidade estável dentro de uma comunidade segura é impossível (BAUMAN, 2005). Mesmo que a identidade pareça com algo fixo, palpável e objetivo no que se refere ao sentido de pertença e localização espaço-temporal no contexto de um capitalismo tardio, a modernidade que ele denomina como líquida não permite que isso seja permanente.

O ritmo veloz com que tudo se transforma, com que os laços se desfazem, com que os deslocamentos ocorrem tornam as relações sociais descartáveis de forma que Bauman critica a crença ingênua de que a construção de identidades é uma coisa boa sempre, sendo que, para ele, o fato de o indivíduo buscar constantemente pertencer a um grupo pode gerar mais visibilizações das diferenças do que das semelhanças, uma vez que as diferenças podem gerar desigualdades e, com isso, alguns conflitos e intolerâncias desse encontro de diferentes. "As identidades flutuam no ar, algumas de nossa escolha,

mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas." (BAUMAN, 2005, p. 19).

Para o sociólogo, o conceito de identidade é uma entidade abstrata, virtual e sem existência concreta que se define como uma dimensão conflitiva, mas essencial como referência para os grupos sociais, pois pode unir na diversidade e permanecer assim na mudança. A presença do conflito na construção das identidades, conforme Bauman (2005) destaca, pode ser entendida como disputas de poder já que tem o sentido classificatório e reclassificatório dos grupos em categorias que se constroem socialmente começando com elementos culturais que um grupo toma como referência em relação a outro grupo.

Ao ser entendido como reconhecimento de pessoas ou grupos sociais o conceito de identidade pressupõe inconscientemente a alteridade, uma vez que é somente a partir desta que a identidade se constrói. A possibilidade do conflito ocorre pela presença de um 'eu' e de um 'Outro', pois a identificação como grupo é a diferenciação em relação a outros grupos e o efeito disso é a percepção de que identidade é dinâmica não estática, é socialmente construída e não atemporal em relação ao que os grupos necessitam em contextos históricos determinados.

3 IDENTIDADE E DIFERENÇA

Os conceitos de identidade, subjetividade e alteridade são trazidos aqui com os sentidos complementares visando ampliar o entendimento dos seus significados sem abrir demais o leque das interpretações para compreensões outras que não as que pretendo conduzir para tratar das personagens de *Mulheres de Cinzas*. A identidade tem como sentido o pertencimento e a localização que acontece tanto no tempo quanto no espaço ocorrendo com relação a um ou vários grupos. A subjetividade é vista como o universo particular de cada indivíduo de modo infinito, inexplicável e intraduzível. A alteridade é entendida então, como a capacidade de reconhecimento do outro, a qual é necessária para a construção dos sujeitos com suas próprias identidades, subjetividades e culturas.

Com origem no vocábulo latino *identitas*, esse termo no seu sentido filosófico significa, de acordo com Bonnici (2011, p. 35), "a identidade das pessoas ao longo do tempo, ou seja, as condições necessárias para que uma pessoa que existe num certo período seja a mesma pessoa que existe em outro período" numa abrangência epistemológica, moral e valorativa. Entretanto, Hall (2001, p. 8-9), afirma que "o próprio conceito com o qual estamos lidando, 'identidade', é demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido", pois da mesma forma que acontece com outras ocorrências sociais, não é possível "oferecer afirmações conclusivas ou fazer julgamentos sobre as alegações e proposições teóricas que estão sendo apresentadas", uma vez que "as identidades modernas estão sendo

'descentradas', isto é, deslocadas ou fragmentadas. Ou seja, elas se desterritorializam e nos desterritorializamos no outro minuto e com o outro o tempo todo, de maneira que temos então, singularidades mutantes.

Devido a essa mutação das singularidades, a identidade é significada num sentido de oposição para a afirmação, isto é, para que haja a identidade é preciso que exista também um atributo que se oponha a ela, e nesse caso há a diferença. Tanto identidade quanto diferença são 'entidades autossuficientes' para lembrar Bonnici (2011), e quando se afirma uma, afirma-se também a outra, pois têm uma dependência entre si, sendo que, por compor esse processo de diferenciação tornam-se pertencentes à cultura e por serem caracterizadas pela instabilidade pertencem ao campo da linguagem.

Para Hall (2001, p. 17), o sujeito descentralizado é gerado por deslocamentos que fazem com que as sociedades se caracterizem pela diferença. Ainda assim, elas não se desintegram totalmente, não por serem unificadas, "mas porque seus diferentes elementos e identidades podem, sob certas circunstâncias, ser conjuntamente articulados". Também para Silva (2003, p. 75), "em um mundo imaginário totalmente homogêneo, no qual todas as pessoas partilhassem a mesma identidade, as afirmações de identidade não fariam sentido". Então, as duas afirmações têm sentido somente se forem compreendidas uma em relação à outra, numa perspectiva de dependência, da identidade em relação à diferença, de modo inseparável.

Em *Mulheres de Cinzas*, percebo algumas composições de identidades transitórias e em constante mudança que se apresentam no âmbito da essência do sujeito assim como no âmbito do sujeito social. Tudo o que pode afetar o sujeito social pode afetar ainda mais a sua essência, uma vez que cada indício de deformação desse sujeito causa algum dano no desenvolvimento de sua identidade. A identidade não pode estar presa ao que a circunda, precisa dar possibilidade do sujeito viver sem se limitar, porém, no colonialismo havia tanta imposição da cultura do outro, do colonizador, que o sujeito teve muita perdas da sua cultura e acabou assimilando muito da cultura eurocêntrica. Há uma mescla cultural, em *Mulheres de Cinzas*, que compõe um mosaico com subjetividades e identidades diversas formadas pelas e com as diferenças gerando o sujeito moçambicano híbrido, visto que os processos de hibridação continuam acontecendo devido a apropriação da cultura do outro.

Na pós-colonialidade, essa transformação da cultura do outro em sua cultura faz com que esses sujeitos vivenciem uma autofagia cultural ao se alimentarem de si mesmos porque as "nossas identidades culturais, em qualquer forma acabada, estão a nossa frente. Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, ser, mas de se tornar". (HALL, 2008, p. 44). Neste sentido, pode-se ler a ocorrência de um antagonismo entre o colonizador e o colonizado com modulações diversas em que o colonizado se manteve pela sua resistência, uma vez que se alimentou do que era do outro, do colonizador, de forma que o que era do outro passou a ser seu depois de passar pelo processo de assimilação, fato que nos lembra Paul Valéry, citado por Silviano Santiago (2000, p. 19) "Nada mais

original, nada mais intrínseco a si que se alimentar dos outros. É preciso, porém, digeri-los. O leão é feito de carneiro assimilado", numa abordagem latino-americana, mas que, por analogia, pode ser observada no contexto pós-colonial africano. Este episódio não retrata uma simples assimilação, haja vista nada ter ficado da forma original, pois ainda que o povo colonizado sinta-se forçado a assimilar algum ou muitos traços da cultura do colonizador, isso não acontecerá de modo puro, uma vez que colocará aí o seu sentido e, ao fazer isso, já não será mais a cultura do colonizador, mas uma nova cultura, a híbrida que emerge da assimilação. Trará sempre uma negação à cultura do outro.

A identidade e a diferença são assuntos tratados pelos estudos pós-estruturalistas que também compreendem a Teoria Pós-colonial e os Estudos Culturais, os quais abordam esses conceitos como relações sociais e de poder por usar as categorias de hierarquia em que um termo se sobrepõe a outro. O termo que se sobrepõe marca a presença do poder, pois a identidade e a diferença têm funcionalidade enquanto incluem e excluem, fazendo marcações fronteiriças entre eles e nós. Como salienta Bonnici (2011, p. 36), esses termos binários demonstram o privilégio de uns em detrimento da marginalização de outros, como em "masculino/feminino; heterossexual/homossexual; branco/negro". Assim, apresenta-se uma linha de pensamento em que o sujeito é a identidade em si mesma, ao passo que o outro é a diferença, pois a identidade conforme Bonnici, não tem traços ou marcas, os quais compõem a diferença.

Percebo nestas situações de binarismos que as identidades começam a ser menos fixas e subversivas, isso se dá nas identidades étnica, racial, sexual, de gênero ou nacional, sendo que a última tem seu fundamento ou fixidez em 'mitos fundadores', que podem ser a língua, os símbolos nacionais ou o herói mítico. O evento de uma identidade fixa é subvertido, então, por correntes diversas de pensamento abarcadas pela Teoria Pós-colonial, a partir da elaboração conceitual de hibridismo, multiculturalismo, transculturação e outros.

Muitos pesquisadores e críticos entre os quais Hanciau (2005), abordam a questão do hibridismo e suas várias formas de manifestações como, por exemplo, Fernando Ortiz (1991) e o conceito de transculturação; Zilá Bernd (1987) e as noções de hibridação, transferências culturais; Édouard Glissant (2005) e o conceito de espaço intervalar; Homi Bhabha (2005) e o conceito de espaço intersticial ou espaço de enunciação; Serge Gruzinski (1988) e a noção de *in-between*; Régine Robin (1989) e o conceito de *hors-lieu*, além de Silvano Santiago (2000) e o conceito de entre-lugar. Assim, todos subvertem a ideia de lugar único, de verdade absoluta dos discursos hegemônicos, colocando em cheque a ideia de pureza da raça e evidenciando processos de assimilação em contextos multiculturais e de segregação racial.

Corroborando, Bonnici (2011, p. 37) diz que "a nova identidade, consequência do hibridismo, não é mais nenhuma das identidades primordiais, mas uma entidade que solapa a base do monolitismo colonial e a fonte de outremização". Essa nova identidade se expressa num outro local, de forma diversa, torna-se outra, e assim, precisa de outro espaço para se revelar, espaço este que Bhabha (2005) denomina

de "terceiro espaço de enunciação" e que possui pelo menos dois valores diferentes, porque supera o que é tido por diversidade cultural e propõe a hibridização. Nesse cenário, Ortiz (2003, p. 83) aponta para o surgimento de culturas híbridas, pois "a mobilidade das fronteiras dilui a oposição entre o autóctone e o estrangeiro". E é dentro desse sistema híbrido que a diferença cultural age, nesse entre-lugar em que a dominância das identidades físicas e ideológicas são subvertidas pela identidade híbrida.

4 MIA COUTO E AS *MULHERES DE CINZAS*

A obra *Mulheres de Cinzas*, primeiro livro da trilogia *As Areias do Imperador*, faz parte do conjunto que o escritor Mia Couto iniciou em 2015. É um romance histórico, narrado por uma personagem feminina pertencente a uma das tribos da região e é entremeada pelas cartas de um sargento que vem para a cidade e se corresponde com seu oficial em Portugal, dando informações das atividades na aldeia de Nkokolani. O autor apresenta uma jovem africana e um sargento português, cuja relação vai além da estritamente profissional, para falar sobre a guerra que arruinou o sul de Moçambique no fim do século XIX.

Nesta obra, a personagem principal é Imani, uma jovem de 15 anos que, por ter aprendido a língua do europeu na escola, no caso, o português de Portugal, será intérprete do sargento português Germano de Melo. Imani é da tribo dos *VaChopi*, uma das poucas tribos que se opuseram à invasão de *Ngungunyane*, último dos líderes do Estado de Gaza. Por ser mulher e por estar envolvida com um militar, Imani sabe que precisa ficar invisível, porque num país em que a guerra dos homens assombra constantemente, ser mulher é sempre muito mais arriscado, e assim a simbologia das cinzas toma sua significação, pois a personagem precisa tornar-se invisível como se fosse constituída de cinzas para não ser percebida.

O ficcionista Mia Couto surge em cena na literatura moçambicana em 1983. Sua ficção é repleta de neologismos, de grande valorização da língua e da linguagem falada no seu país e de inovações frasais, mas com ritmo e leveza tornando sua prosa entremeada de poesia. Revela-se um grande contista, pois inaugura uma maneira só sua de refletir sobre a história do seu povo buscando olhar sempre para o passado e o futuro por meio do discurso literário. Com muitas obras publicadas e tendo considerável popularidade no seu país e em muitos outros como o Brasil, trilha uma linha estético discursiva de preocupação com a realidade moçambicana e assim procede, não apenas nos seus escritos, mas em todas as oportunidades que tem para falar publicamente sobre os componentes da sua obra, o fio que conduz suas narrativas.

A composição literária de Mia Couto, tal como descrita por ele mesmo, se apresenta por uma escrita complexa, híbrida e plural. Sua narrativa, vista dessa maneira, é tecida com precisão, contemplando

a riqueza e a diversidade da cultura moçambicana como alguém que é herdeiro de "cruzamentos culturais múltiplos e tem clareza de que sua produção se alimenta não só de estratégias orais do narrador africano, mas de jogos lúdicos universais que fazem de sua prosa um tecido híbrido e poético" (SECCO, 2000, p. 265).

Na narrativa, Mia Couto efetiva um encontro de imaginários — do português e do africano — por meio de um decurso temporal e de um processo de constituição de identidades que vai além das diferenças e das distâncias geográficas. Em uma simetria narrativa, ele torna possível que as vozes que se expressam na história contemporânea aflorem do passado histórico colonial manifestando-se com mais amplitude nas vivências da modernidade. Isso só ocorre devido à sensibilidade com que o escritor desloca seu olhar para as relações complexas de suas personagens vendo-as como se fossem verdadeiramente reais e fazendo com que o leitor também as veja assim, numa rama de complexidades verossímeis que apresentam tanto a individualidade de cada um, quanto a coletividade em que vivem.

Os deslocamentos trazidos pelo autor têm relação direta com as mudanças interiores das personagens e, sob esse aspecto, o passado se faz presente nas memórias que cada um configura ao contar para um outro a história da qual recorda seja pela oralidade de uma conversa, seja pelos relatos em forma de carta. A capacidade de adaptação de um povo ao novo tempo, mesmo com todas as dificuldades se torna possível pelas lembranças que esse povo mantém e que os une ao seu passado e à sua esperança num futuro que só é vislumbrado por ele por meio das suas credices. Cada personagem envolvida na trama representa indivíduos perdidos, mas que têm a história do seu povo como teia que os une e os orienta a encontrar seu lugar, um lugar que nem sempre é aquele em que vivem, porém é o que procuram mesmo que não tenham clareza que esse é o lugar que estão procurando.

Nas personagens há uma fragmentação de identidades e de pertencimentos que possibilita múltiplas abordagens de diferenças, contrastes e conflitos. Mia Couto introduz nas suas obras, como personagens, a gente que o circunda, apreendendo-os em seus múltiplos deslocamentos que ora são de oposição, ora são de integração, formando indivíduos fragmentados e em construção. Ao dar voz a essas personagens, dá-lhes pensamentos, convicções, torna-as tão verossímeis que o leitor pode considerá-las reais; reais num universo em que são abordadas questões tão fundamentais para a existência humana que chegam a fazer parte da história cotidiana de qualquer um de nós. Por assumir observações críticas que partem das margens, o autor trata de problemáticas essenciais da sociedade contemporânea a partir de enunciações críticas provenientes do 'entre-lugar', conforme Bhabha (2005) designa.

O fato de a obra estar referenciada na literatura pós-colonial africana, traz à tona reflexões quanto à emergência de hibridismos em momentos de transformação histórica:

O trabalho fronteiriço da cultura exige um encontro com 'o novo' que não seja parte do continuum de passado e presente. Ele cria uma ideia do novo como ato insurgente de tradução cultural. Essa arte não apenas retoma o passado como causa social ou precedente estético; ela renova o passado, refigurando-o como um 'entre-lugar' contingente, que inova e interrompe a atuação do presente. O 'passado-presente' torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver. (BHABHA, 2005, p. 27).

Esse novo que emerge na obra é o híbrido que se vê nas personagens que se deslocam de si mesmas e se reterritorializam refigurando o tempo que se conhece bem com o espaço, pois à medida que o indivíduo se faz novo, o ambiente e o tempo em que ele está inserido também se transmuta. As vozes da margem que as obras do autor suscitam são as vozes periféricas, são as vozes das minorias representadas de forma significativa pelas mulheres, pelas vozes femininas que estruturam sua ficção. Em entrevista a Carmen Lucia Tindó Secco e Ana Kiffer, por ocasião do lançamento da obra *Mulheres de Cinzas*, Volume II — *Sombras da Água* — Mia Couto fala sobre a importância das mulheres e como elas compõem seu imaginário por serem representativas na contação de histórias:

Olhem pra qui, pra quem está aqui. Quantos homens estão aqui e quantas mulheres estão aqui? Isso já diz da proximidade da mulher com a palavra, com a história, com a facilidade de narrar e a sensibilidade de escutar. Isso passou-me, porque na minha casa vivi isso, quem contava histórias, quem as contava de uma maneira mais encantatória eram as mulheres. Essas vozes ficaram dentro de mim, trabalhando, como se fossem um patrimônio, um manancial que tava à espera de alguma coisa, resumiu o autor. 'No caso, as mulheres de Moçambique, falando mais de um ponto de vista social, são elas que têm essas histórias pra contar, são elas que contam histórias, mas não são reconhecidas. (COUTO, 2015)¹

Ao narrar as histórias sobre mulheres, o autor diz que a reflexão acerca da memória e a importância dela para a manutenção do que aconteceu é muito grande; por meio das narradoras ele consegue trazer essas memórias ancestrais para o presente da narrativa e levar o encantamento que sentia ao ouvir as mulheres da sua casa contando as histórias para seus leitores. O valor das narrativas, para o autor, é vultoso, pois estas desenvolvem no leitor uma necessidade que não permite que vivam sem a experiência do narrar, sejam elas escritas ou oralizadas.

A criança que pede ao pai ou à mãe ou ao avô ou à avó que lhe conte histórias, essa necessidade absoluta, como se fosse uma necessidade de comer e de beber, de viver numa história, de se produzir a fantasia, é algo absolutamente essencial pra que nós nos constituamos como criatura. Eu acho que isso tá inscrito, é como se fosse uma coisa genética. Nós somos criaturas de histórias. Somos feitos de células, de átomos, sim, mas de histórias. (COUTO, 2015)²

¹ Entrevista intitulada 'As Vozes Femininas de Mia Couto' concedida à Kamille Viola e publicada pela Revista Vertigem a partir do debate que ocorreu no lançamento da obra *Mulheres de Cinzas*, na Biblioteca Parque Estadual, no Centro, em 21/11/2015. Mia Couto respondeu às perguntas de Carmen Lucia Tindó Secco, doutora e professora de Literaturas Africanas na UFRJ e Ana Kiffer, doutora e professora. Disponível em: <http://www.revistavertigem.com/2015/11/21/as-vozes-femininas-de-mia-couto/>.

² Idem.

O escritor diz que a memória do passado do seu povo moçambicano precisa ser ouvida com todas as suas diversidades, pois "tanto como nações, como pessoas, temos que inventar uma memória para nós. Uma verdade é uma ilusão. A gente pensa que a nossa memória é feita de fatos, é feita de coisas inquestionáveis" (COUTO, 2015).³ Ao instigar o leitor ao questionamento acerca do que é considerado como verdade, — como se só houvesse uma versão para os acontecimentos —, o autor o chama para a crítica, para não se deixar convencer das verdades únicas: "Passaram-se assim, acreditamos. Mas elas não se passaram assim". (COUTO, 2015)⁴

Mia Couto reforçou sobre quão significativo é que Moçambique entenda acerca das diferentes vozes que existem em seu passado. "Nós próprios, dentro da África, estamos lutando para isso, para mostrar que a história não é tão simples assim, com os maus de lá de fora e nós, os inocentes injustiçados, lá de dentro" (COUTO, 2015)⁵. O autor lembra que até mesmo alguns povos africanos cometeram e ainda cometem atos de injustiças, de violência, de ocupação e de colonização do próprio continente.

Esse pensamento crítico do autor é trazido para dentro das suas tramas e isso exige muito cuidado com as formas de trabalhar tais questões nas personagens criadas para compor esse exercício literário. A escrita de um livro, para o autor moçambicano, é narrada por ele de modo poético tal qual ele o faz em toda sua narrativa. Mia Couto resume sua experiência dizendo:

Eu tenho que ser tomado, essas personagens tomam posse de mim, eu tenho que ser elas. E é uma coisa que é de domínio quase da embriaguez, porque eu tenho que deixar de saber quem eu sou. É um processo de apagamento, eu tenho que saber não ser, pra dar espaço pra que essa gente seja. E isso eu não sei como se faz, mas provavelmente é uma coisa no domínio, não (vou) dizer da patologia, mas no domínio de uma coisa que está muito dentro de nós. Porque eu não sei se o ser humano tem muita essência, mas tem alguma, provavelmente, e uma das que tem é a capacidade de poder viajar pelos outros, por outras identidades. (COUTO, 2015)⁶

Para criar essas identidades tão complexas e oferecê-las ao leitor nas vozes das personagens que amalgamam a obra, o autor se utiliza muito de personagens híbridos, de personagens que não estão num único lugar nem são uma única pessoa, uma vez que sua subjetividade é composta por uma identidade que não é a que era, a que eles conheciam, mas é uma outra, uma que os acompanha nesse movimento que fazem. Eles trazem muito das identidades que povoam essa fronteira entre a velha identidade e a nova: uma identidade híbrida. Pertencentes a essa categoria, temos em *Mulheres de Cinzas* a figura do cantineiro Sardinha, dos irmãos de Imani — Dubula e Mwanatu —, seu avô Tsangatelo, além dos próprios protagonistas Imani e o Sargento Germano de Melo.

³ Idem.

⁴ Idem.

⁵ Idem.

⁶ Idem.

Cansado de escrever, tirei o uniforme e pendurei-o num cabide e fiquei a olhar para o fardamento como se fosse eu que estivesse ali suspenso, murcho, sem luz e sem matéria. *Estranho sentimento para quem nunca foi realmente um soldado*. Mas o problema, permita Vossa Excelência a ousadia, *o meu problema é que nunca fui uma outra coisa, fosse ela qual fosse*. Eu sou a farda vazia, pendurada num cabide que apenas as sombras vestem e despem. Confesso, Excelência, que muitas vezes me ocorreu desistir de tudo e partir pelo mato em direção a Inhambane e dali escapar para o norte, para a capital da colônia, a Ilha de Moçambique. Eu não iria apenas para uma ilha. Eu seria uma ilha. (COUTO, 2015, p. 233, Grifo meu).

Esse sentimento que invade o personagem é um misto de tristeza pela percepção de que nunca havia sido realmente um soldado, de que era somente um degredado que servia aos mesmos homens que o haviam expulsado do seu país. Para intensificar sua sensação de impotência diante dos eventos recém ocorridos em Nkokolani, o massacre feito pelas tribos inimigas à aldeia, suas casas, sua plantação e suas mulheres, o sargento Germano se dá conta de que durante toda a sua vida foi como aquela farda no cabide: sem utilidade nenhuma.

Com Imani também se percebe essa dualidade de identidades, uma identidade que não quer mais ser a que sempre fora, mas que não sabe exatamente qual é. Precisa da visão de uma pessoa mais experiente para auxiliá-la na compreensão da sua identidade híbrida.

Desde menina me incumbiram de uma missão que deveria caber a um rapaz: subir às figueiras para capturar morcegos e lhes arrancar as asas, sem que fosse mordida pelos seus pestilentos dentes. As membranas das asas, depois de secas, forravam as caixas de ressonância. Esse era o segredo mais valioso da receita paterna para o fabrico de marimbas. Fui ganhando destreza na arte de capturar os grandes morcegos. [...] Nos ramos mais altos reuniam-se as fêmeas que amamentavam os filhotes. De tal modo se pareciam com pequenas pessoas que eu evitava enfrentá-las nos olhos para não fraquejar no meu intuito caçador. Aquele sentimento de compaixão foi-se avolumando à medida que em mim cresciam sonhos de maternidade. Até que, daquela vez, em frente ao tronco que devia escalar, ganhei coragem para declarar:

— *Desculpe, pai. Mas eu não volto lá em cima nunca mais.*

O meu velhote admirou-se com a minha atitude. Nenhum pai, em Nkokolani, aceita uma resposta negativa. Mas ele sorriu, com inesperada doçura. *Não quer subir?*, perguntou, com ar apatetado. Neguei, em silêncio, mas com firmeza. E ele, surpreendentemente, aceitou a minha recusa.

— *Está com pena dos morcegos? Eu entendo, minha filha. E vou-lhe dizer por que percebo muito bem essa sua recusa.*

E contou-me uma história antiga, que escutara dos seus avós. Naquele tempo, os morcegos cruzavam os céus com a vaidade de se acreditarem criaturas sem semelhança neste mundo. Certa vez, um morcego tombou ferido numa encruzilhada de caminhos. Passaram por ali os pássaros e disseram: *olha, um dos nossos! Vamos ajudá-lo!* E levaram-no para o reino dos pássaros. O rei das aves, porém, ao ver o morcego moribundo, comentou: *ele tem pelos e dentes, não é dos nossos, levem-no daqui para fora*. E o pobre morcego foi depositado no lugar onde havia tombado. Passaram os ratos e disseram: *olha, é um dos nossos, vamos salvá-lo!*

E conduziram-no à presença do rei dos ratos, que proclamou: *tem asas, não é dos nossos. Levem-no de volta!* E conduziram o agonizante morcego para o fatídico entroncamento. E ali morreu, só e desamparado, aquele que quis pertencer a mais do que um mundo. Era evidente a moralidade da fábula. Por isso estranhei a sua pergunta, no final:

— *Entendeu, filha?*

— *Acho que sim.*

— *Duvido. Porque esta história não é sobre morcegos. É sobre você, Imani. Você e os mundos que se misturam dentro de si* (COUTO, 2015, p. 87-89).

O conceito de hibridismo ou hibridação possibilita a compreensão das identidades bem como dos processos de subjetivação a partir de um processo fluido que constrói e desconstrói, negocia e luta por reconhecimento. No fragmento, a personagem Imani está entre dois mundos e sua identidade é uma mescla destes mundos ou das experiências que ela tem com eles, é o sujeito híbrido da crítica pós-colonial, visto como descentrado e desterritorializado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no estudo dos processos identitários e das identidades desterritorializadas das personagens de *Mulheres de Cinzas* e das imagens poéticas que compõem o perfil e a discursividade dessas personagens no contexto da pós-colonialidade, concluo que, por meio da narratividade e perfil das personagens e mais especificamente de suas respostas aos eventos de subalternidade, é possível perceber as formas de marginalização sofridas por elas. Essas opressões são apresentadas nas narrativas em forma de silenciamento e submissão, ao mesmo tempo em que as personagens se impõem ao sistema opressor por meio da resistência e subversão enquanto buscam reconstruir suas identidades.

As personagens com suas identidades formadas ou em formação a partir das velhas identidades formam um indivíduo desterritorializado, um sujeito em devir, em mutação de si. Essa alteridade constituinte é o sujeito híbrido nas discussões de Bhabha (2005) e também o sujeito desterrado nas reflexões de Fanon (1979), em *Os Condenados da Terra*, que por ser descentrado é diverso. É 'um outro' que permite que seja alcançada a diversidade enquanto dado e enquanto descentramento que inverte valores onde o centro é constituído da margem, a qual se torna a condição do ser, do devir: o vir a ser conforme Deleuze; Parnet (1998). É um sujeito que se situa sempre entre dois mundos.

Assim percebo as personagens de *Mulheres de Cinzas*, sempre entre dois mundos sem saber qual é o seu lugar nem quais são suas identidades nessa fronteira. Todo devir forma um encontro entre dois termos heterogêneos os quais se desterritorializam mutuamente. Essa relação é o que marca a constituição do que é híbrido em que o que está na margem é uma produção do que é hegemônico, pois enquanto isso é subvertido, também é negado ao se afirmar o 'eu' que é sempre outro. É a produção de hibridismos

em resistência a discursos repletos de hegemonia, processo que envolve a produção de si, da promoção de uma identificação subalterna, mas não uma identidade, uma vez que este sujeito se encontra em devir.

REFERÊNCIAS

ASHCROFT, B., GRIFFITHS, G., TIFFIN, H. *The Empire Writes Back: Theory and Practice in Post-Colonial Literatures*. London: Routledge, 1991.

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 1994.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: J. Zahar. 2005.

BAUDELAIRE, Charles. Exposição Universal (1855). In.: *Poesia e Prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

BERND, Zilá. *Negritude e literatura na América Latina*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, (Coleção Humanitas), 2005.

BONNICI, Thomas. *Multiculturalismo e diferença: narrativas do sujeito na literatura negra britânica e em outras literaturas*. (Org.). Maringá: Eduem. 2011.

BOOTH, Tony. *Psicologia do crescimento em sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar. 1976.

CLIFFORD, James. *Culturas Viajantes*. São Paulo. Papirus Editora. 2000.

COUTO, Mia. *Mulheres de Cinzas: as areias do imperador: uma trilogia moçambicana*, Livro 1. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

COUTO, Mia. *Sombras Da Água: as areias do imperador: uma trilogia moçambicana*, Livro 2. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras. 2016.

DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia*. V.1. Trad. Aurélio Guerra neto e Celia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995a.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia*. V. 2. Trad. Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995b.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia*. V. 3. Trad. Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. Rio de Janeiro: Ed 34, 1996.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998.

EWALD, Ariane Patrícia; SOARES, Jorge Coelho. *Identidade e subjetividade numa era de incerteza*. Rev. Estudos Psicologia em Estudo, V.12. N.1, p. 23-30. 2007.

- FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2ª edição, 1979.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1989.
- GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Trad. Enilce Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.
- GRUZINSKI Serge, *La colonisation de l'imaginaire*. Sociétés indigènes et occidentalisation dans le Mexique espagnol XVI-XVIII siècle. Paris: Gallimard, 1988.
- GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 1992.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: Cartografia do desejo*. Petropolis: Vozes, 1996.
- GUPTA, Akhil; FERGUSON, James. Mais além da cultura: espaço, identidade e política da diferença. In: ARANTES, Antônio (Org.). *O espaço da diferença*. Campinas: Papyrus, 2000. 30-49.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Trad. Adelaine La Guardia Resende, Ana Carolina Escosteguy, Cláudia Álvares, Francisco Rudiger, Sayonara Amaral. 2ª reimpressão revista. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- HANCIAU, Nubia Jacques. O Entre-Lugar. In: FIGUEIREDO, E. *Conceitos de literatura e cultura*. Juiz de Fora. Editora UFJF/Niterói: EdUFF, 2005, p. 215-141.
- HISSA, Cássio Eduardo Viana; GUERRA, Luciana Cristina de Oliveira. Espaço e modernidade: reconstruindo identidades urbanas. *Caderno de Geografia*, Belo Horizonte, v. 12, n. 19, p. 63-73, 2. sem. 2002.
- ORTIZ, Fernando. *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*. Havana: ed. Ciencias Sociales, 1991.
- ORTIZ, Fernando. *Mundialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- ROBIN, Régine. *Le roman mémoriel: de l'histoire à l'écriture du hors-lieu*. Montréal: Éditions du Préalable, 1989.
- SANTIAGO, Silvano. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. Rio de Janeiro: Ed, Rocco, 2000.
- SANTOS, Boaventura de Souza. *Modernidade, identidade e a cultura de fronteira*. Tempo Social; Revista de Sociologia da USP, São Paulo, 5(1-2): 31-52, 1993 (editado em nov. 1994).
- SANTOS, Boaventura de Souza. Os processos da globalização. In: Boaventura de Souza Santos (Org.), *A globalização e as Ciências Sociais*. São Paulo: Cortez, 2002.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: EDUSP, 2002a.

SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada*: ensaio de ontologia fenomenológica. Petrópolis: Vozes. 1997.

SECCO, Carmen Lucia Tindó Ribeiro. Mia Couto e a incurável doença de sonhar. In: SEPÚLVEDA, Maria do Carmo; SALGADO, Maria Teresa (Org.). *África e Brasil*: letras em laços. Rio de Janeiro: Atlântica, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu. (Org.). *Identidade e diferença* – a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2003.

SITES CONSULTADOS

BRITO, Maria dos Remédios de. *Dialogando com Gilles Deleuze e Félix Guattari sobre a ideia de subjetividade desterritorializada*. Revista Alegrar n°09 - jun/2012. <http://www.alegrar.com.br/revista09/pdf/dialogando_com_gilles_maria_brito_alegrar9.pdf>. Acesso em: 15 de novembro de 2017.

VIOLA, Kamille. '*As Vozes Femininas de Mia Couto*'. Entrevista. Revista Vertigem. 2015. Disponível em: <<http://www.revistavertigem.com/2015/11/21/as-vozes-femininas-de-mia-couto/>>. Acesso em 22 de dezembro de 2017.

Title

Aesthetic and historical contextualizations in *Mulheres de Cinzas* of Mia Couto.

Abstract

In this study I present a snippet of the novel *Mulheres de Cinzas*, by the Mozambican writer Mia Couto presenting his narration mode capable of constructing characters with identities in constant displacements. This brings to light reflections on the emergence of hybridity in moments of historical transformation such as occurs in the narrative. The identity aspects of the characters lead to reflection on the process of subject's construction, in which the relationship he establishes with society and with its identity, even in the search for its definition, is mediated by culture. Placing each subject in a position where it is already inserted by the bond of birth or identification, it also places them between two worlds without knowing what their location is or what their identities are at that border. Because the displacements go beyond the geographical, the deterritorialized subjectivity concept is in the work as a displacement of the self, of the individual who migrates to another country and who needs to assume the lifestyle of that people. This, however, happens to a certain extent, since this subject does not accept this oneness that the culture of the other imposes on him and seeks to compose himself as a singular subject in a movement of deterritorialization and reterritorialization.

Keywords

Identity; Culture; Narration mode.

Recebido em: 11/08/2019.

Accito em: 11/02/2020.